



Seminário de Jovens Cientistas

página: www.acad-ciencias.pt

Vacinas e autismo: factos e ficção

Patrícia Monteiro¹

¹Faculdade de Medicina da Universidade do Porto

Artigo de opinião

A história da vacinação é longa e rica. As vacinas acompanham a humanidade desde o século XVIII e a palavra vacina deriva do latim *vaccinus* que significa “proveniente da vaca”. Mas a que se deve esta origem etimológica?

No século XVIII o médico inglês Edward Jenner observou que as leiteiras e os leiteiros que ordenhavam as vacas e que contraíam varíola bovina, uma doença relativamente ligeira, não contraíam varíola humana, uma doença muito mais grave e mortal. Perante esta observação, Jenner formulou a hipótese de que a varíola bovina protegia contra a varíola humana. Esta ideia foi ganhando raízes, e em maio de 1796, Edward Jenner infectou com varíola bovina James Phipps, um menino de 8 anos, expondo-o, em seguida, à varíola humana. James Phipps não desenvolveu qualquer sintoma da doença. Estava assim criada a primeira vacina.

Após a descoberta de Jenner, a vacinação tornou-se uma intervenção de saúde pública amplamente utilizada, e muitas outras vacinas foram desenvolvidas para proteger contra doenças infecciosas, como a poliomielite, o sarampo e a rubéola. Em meados do século XX, as vacinas representavam já uma das mais importantes intervenções de saúde pública da história. São exemplos disso o desenvolvimento da vacina da poliomielite em 1955, que levou à quase eliminação mundial da doença, ou a vacina contra o sarampo, desenvolvida em 1963 e que levou a uma redução significativa do número de casos de sarampo e mortes em todo o mundo. Assim, as vacinas contribuíram (e contribuem ainda hoje) para a melhoria da nossa sociedade, evitando milhões de mortes e doenças, reduzindo custos de saúde, e aumentando a qualidade de vida das populações. As vacinas são sem dúvida uma das conquistas de saúde pública mais significativas da história.

Perante tão sólida evidência científica, porque surgiram nos últimos anos dúvidas em torno da segurança das vacinas e ligações entre as vacinas e o autismo? Em 1998, a prestigiada revista internacional *The Lancet*, publicou um estudo que afirmava ter encontrado uma ligação entre a vacina tríplice (VASPR - a vacina contra o sarampo, papeira e rubéola) e o autismo. Este estudo foi amplamente divulgado, suscitando grande interesse no seio da comunidade científica, bem como legítima e fundada preocupação entre a população. Mais tarde, descobriu-se que o autor do estudo, Dr. Andrew Wakefield, manipulou os dados, e pagou a crianças na festa de aniversário do seu filho para recolher amostras de sangue para o estudo. A revista *The Lancet* retirou imediatamente o estudo e Wakefield perdeu a sua carteira profissional para exercer medicina. No entanto, o estrago já estava feito e o estudo provocou pânico generalizado na população com uma queda abrupta nas taxas de vacinação em muitos países.

Mas a ciência não pára. Desde que o estudo de Andrew Wakefield foi publicado, vários estudos foram conduzidos para investigar uma possível ligação entre as vacinas e o autismo. Atualmente a comunidade científica não tem dúvidas, não existe qualquer ligação. Um estudo de revisão abrangente efectuado em 2014, envolvendo mais de 1.2 milhões de crianças, não encontrou

nenhuma evidência para apoiar a teoria de que as vacinas causam autismo. E em 2019, outro estudo científico com mais de 650.000 crianças não encontrou qualquer associação entre a vacina VASPR e o autismo, mesmo em crianças com maior risco de desenvolver autismo. Vários estudos de todo o mundo mostraram o mesmo resultado - as vacinas não causam autismo.

Mas se as vacinas não causam autismo, porque é que algumas pessoas ainda acreditam que sim? Esta ideia pode advir do facto de o autismo ser frequentemente diagnosticado na mesma idade em que as crianças são vacinadas. No entanto, isto é simplesmente uma mera coincidência. O autismo é uma alteração do neurodesenvolvimento com uma ampla gama de sintomas, e o momento do seu diagnóstico não está relacionado com a administração de qualquer vacina. Outra possível explicação é a desinformação, alimentada pelo medo, que circula muitas vezes nas redes sociais e outras plataformas. É importante lembrar que nem todas as fontes de informação são fidedignas e é essencial contar com fontes confiáveis ao tomar decisões de saúde.

As vacinas são uma das intervenções de saúde pública mais importantes da história. Elas têm sido fundamentais na erradicação da varíola e na quase eliminação da poliomielite, entre outras doenças. Ao vacinar uma grande parte da população, podemos criar imunidade de grupo, protegendo assim aqueles que não podem receber vacinas, nomeadamente pessoas com um sistema imunitário enfraquecido. Vacinar, é assim, cuidar de nós. Mas vacinar é também cuidar dos outros.